



cultur

Revista de Cultura e Turismo

Artigo:

IRMÃS DE FÉ: TRADIÇÃO E TURISMO NO RECÔNCAVO BAIANO

Autor:

Armando Alexandre Costa de Castro¹

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: revistacet@hotmail.com

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

CULTUR – Revista de Cultura e Turismo

CULTUR, ano 02 – n. 01 – jan/2008

www.uesc.br/revistas/culturaeturismo

¹ *Doutorando em Administração (UFBA), Mestre em Cultura & Turismo (UESC/UFBA - 2005), Especialista em História Social e Educação (UCSal) e Licenciado em Música (UCSal). Professor Assistente da Universidade Católica do Salvador (UCSal). Autor do livro Irmãs de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano (E-papers, 2006). Integra o Grupo de Pesquisa O Som do Lugar e o Mundo (FFCH/UFBA). E-mail: armandocc@ucsal.br*

RESUMO

Analisa-se o processo de turistização da Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, sediada em Cachoeira, Bahia, a partir da década de 1970, assim como as rupturas e justaposições causadas pelo advento e impacto da indústria turística na referida dinâmica. As determinações de apoio dos órgãos oficiais de turismo, comprometidos com a revitalização sócio-econômica do Recôncavo, somadas à participação de artistas, intelectuais e comunidade, proporcionaram à Irmandade parte considerável do apoio necessário para a sua revitalização e conseqüente exposição como referencial de atuação sócio-histórico-cultural de relevante atratividade turística.

PALAVRAS-CHAVE

Irmandade da Boa Morte; recôncavo; Bahia; cultura; turismo.

ABSTRACT

The object of this research is the process of turistization of the Party of the Sisterhood of Our Lady of the Good Death, headquartered in Cachoeira, Bahia, from the decade of 1970, as well as the ruptures and juxtapositions caused for the advent and impact of the tourist industry in the dynamic related one. The determination of support of the official agencies of tourism, compromised with the partner-economic revitalization of the Recôncavo -, added to the participation of artists, intellectuals and community, had provided the Brotherhood the necessary support for its revitalization and consequence exposition as a reference of partner-description-cultural performance of excellent tourist attractiveness.

KEYWORDS

Sisterhood of the Good Death; recôncavo; Bahia; culture; tourism.

1. INTRODUÇÃO

A Bahia, nas últimas décadas, definiu a atividade turística como uma das prioridades para o seu desenvolvimento econômico-social. Amparada na diversidade de suas belezas naturais, no seu amplo patrimônio histórico-cultural e numa série de ações de marketing e infra-estrutura, ocupa posição privilegiada no âmbito do receptivo nacional e internacional.

Entre as dinâmicas sócio-culturais existentes em Cachoeira, Bahia, a Festa da Irmandade da Boa Morte, realizada em agosto, proporciona considerável repercussão midiática nacional e internacional. Neste artigo, analisa-se o processo de turistificação da Festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, sediada em Cachoeira, Bahia, a partir da década de 1970, assim como as rupturas e justaposições causadas pelo advento e impacto da indústria turística na dinâmica investigada.

Partindo de uma descrição geográfica da cidade heróica de Cachoeira – por sua resistência às tropas portuguesas, durante o processo de Independência do Brasil -, na tentativa de apresentar o *locus* no qual está inserida a Irmandade e sua Festa, passando por uma descrição criteriosa da relevância historiográfica da Boa Morte, seus ritos, hierarquia, dupla-pertença, teias e redes de sociabilidade, missão, visão de mundo que justifica o ato de festejar a morte como ato de (re)ligação do homem com os Santos e Orixás. Na seqüência, estuda-se a atuação dos diversos agentes externos, respeitando as fases e a natureza da intervenção: de um lado, a intervenção governamental, oficial e institucional; de outro, o apoio e interação com artistas e demais segmentos da sociedade. Por fim, aborda-se a atividade turística desenvolvida e estimulada pelos gestores do turismo no Estado, enfocando-se especialmente os dados coletados na pesquisa de campo. Pôde-se evidenciar, na Festa da Boa Morte, o desenvolvimento do turismo cultural em suas várias micro-segmentações: histórica, étnica, religiosa e científica.

Considero também estudos sobre tradição que criticam o axioma segundo o qual algumas tradições estão fincadas em critérios como repetição e invariabilidade (HOBSBAWN, 1997). Levando em conta que a Irmandade da Boa Morte absorveu e adaptou-se ao fenômeno da massificação turística de sua Festa sem que se comprometesse sua ritualística, os aspectos tradicionais vararam os séculos de forma a apresentar-se fascinantes aos visitantes de hoje.

A compreensão da memória da Irmandade da Boa Morte, neste estudo, é relevante, por se tratar de uma corporação feminina acerca da qual se conhece reduzida documentação. Não bastasse, sofreu perseguições nos primeiros anos, mudando-se para o Recôncavo, onde, por décadas, não teve sede ou endereço fixo. Neste sentido, soa simpática a proposição de Tuan (1983), pela qual a memória é responsável pelas alegrias mais intensas e a subjetividade dos significados de cada dia deve ser multiplicado “por todos os dias anteriores”.

Aspectos como a dupla vinculação religiosa da Irmandade da Boa Morte - ao Catolicismo e à tradição dos orixás, aqui chamada simplesmente de Candomblé – remete parte das discussões conceituais aos estudos sobre identidade cultural, sobretudo a pista sugerida por Hall (2004). O estudo dos processos de hibridação ocorridos em torno da Boa Morte, nestas últimas décadas, não pode olvidar o tratamento de trânsitos culturais, de emblematizações, essencializações e suas relativizações (CANCLINI, 2003).

A cidade apresenta poucos momentos de considerável freqüência turística. O maior deles é o da Festa da Irmandade da Boa Morte, realizada em agosto, atraindo pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. Logo após, aparece a Festa de São João, que antecede em dois dias a comemoração da Independência de Cachoeira.

Boa parte dos documentos relativos à pesquisa e pertencentes à Irmandade da Boa Morte foi perdida, danificada e roubada. Considerável parcela de informações foi coletada por meio de pesquisa documental, tais como atas, livros de visitas, arquivos públicos, decretos, cartas, etc. A natureza da informação aqui adquiriu caráter fundamental, uma vez que possibilitou ao pesquisador uma eficaz e cuidadosa sistemática de estudo dos mesmos, tentando, desta forma, agregar fatos e informações originais e de respeitável descoberta acadêmico-científica.

A relevância das Irmandades, tanto de matriz branca como de matriz negra, e suas definições conceituais serão disparadas por intermédio das obras e estudos de João Reis (1991). Para a compreensão da posição da Irmandade – enquanto produto turístico – no contexto do desenvolvimento do turismo baiano, levei em conta a contribuição de Queiroz (2002), que contextualiza este processo no âmbito do Estado da Bahia.

2. A CIDADE

A histórica cidade de Cachoeira, de reconhecida beleza arquitetônica e importância historiográfica no âmbito nacional, está situada há 110 km de Salvador. Atualmente, o município apresenta área bem reduzida - 403 km² -, situada na zona fisiográfica do Recôncavo – expressão que significa *fundo de baía*; neste caso, a Baía de Todos os Santos. Chegou a abranger uma superfície ainda mais considerável, pois alargava-se para Oeste e Norte da zona paralela do Recôncavo – zona de transição geomorfológica, fronteira conhecida entre o litoral e o sertão – onde as mais relevantes freguesias produtoras de tabaco compreendiam seu Termo desde o século XVIII.

A economia açucareira não poderia se implantar no Recôncavo sem trazer consigo a escravidão. A prosperidade oportunizada pela Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira atraiu, a partir da metade do século XVIII, cativos e libertos de várias localidades, fato este que reforça a situação do Recôncavo e, em especial Cachoeira, como uma área de relevante herança sócio-cultural africana.

A margeabilidade com o rio Paraguaçu – o maior da Bahia, e que perpassa as regiões da Caatinga, Chapada Diamantina e o próprio Recôncavo –, adquire relevância fundamental no desenvolvimento econômico da cidade, uma vez que suas barcaças, saveiros e vapores, nos séculos XVIII e XIX, perfaziam constantes idas e vindas ao porto de Salvador, à época, o mais importante do Brasil, enquanto que o porto de Cachoeira era o segundo maior do Estado.

A proximidade com o Sertão baiano, o porto atuante, a alta produtividade açucareira, sua localização estratégica ante outras regiões, logo transformariam a cidade de Cachoeira em relevante entreposto comercial. Destaque para o fumo, a mandioca, o algodão, o café, o gado e o principal produto do Brasil colonial produzido na região: o açúcar. Além deste, se tornou ponto de encontro e concentração de aventureiros que chegavam para formar expedições.

A participação negra no desenvolvimento sócio-econômico-cultural de Cachoeira pode ser constatada em várias dinâmicas ainda desenvolvidas na cidade. Do candomblé, passando pela capoeira, pelo maculelê, até a aceitação do samba-de-roda e do *reggae* como gênero musical étnico e identitário, reforçam o *status* de Cachoeira como uma cidade de grande referencial da negritude – este fato ainda pode estimular e reforçar o desenvolvimento de uma modalidade turística: o turismo étnico.

3. MEMÓRIA, TRADIÇÃO E LEGADO CULTURAL

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte está entre as mais antigas do país, tendo surgido nas primeiras décadas do século XIX, possivelmente por volta de 1820, nas proximidades da Barroquinha, em Salvador (TAVARES, 1964, p.235), de onde, anos mais tarde, migrou para Cachoeira, respondendo, atualmente, pelo endereço Rua 13 de Maio (Fig. 01). Observa-se alguma especulação e divergência quanto à história da Irmandade da Boa Morte, principalmente em virtude de alguns fatores contributivos para com a escassez de documentos desta. Dentre eles, a própria trajetória de perseguição, a ausência de uma sede até 1995, além de furtos e perdas de documentos e pertences.



Figura 01: Atual sede da Irmandade da Boa Morte
Fotografia: Autor (2003)

A Irmandade da Boa Morte também se destaca pela organização social e hierárquica. Assim como no candomblé, a senhoridade é o grande princípio norteador de sua disposição interna. Somente as irmãs mais velhas dentro do grupo são as responsáveis pelos segredos da instituição, e sua transmissão só acontece mediante longo aprendizado junto às demais componentes do grupo. A Irmandade da Boa Morte se caracteriza pela Devoção à Nossa Senhora da Boa Morte, da Assunção ou da Glória. Essa tradição devocional do cristianismo católico foi trazida para o Brasil pelos portugueses. Embora não seja o objetivo principal desta investigação tratar os aspectos tanatológicos relacionados à confraria de Cachoeira, se explicita neste estudo, a visão africana e judaico-cristã acerca da morte, ou melhor, da Boa Morte, como episódio/rito de passagem, motivo de festa e transcendência entre dois mundos.

A *Assunção* ou *Dormição* corresponde ao fenômeno da transcendência, da elevação espiritual de Nossa Senhora. Tal fato a protegeu de alguns inconvenientes reservados aos mortais, como as fases de decomposição e putrefação do corpo. Eis o argumento católico para as festividades da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte. Também pode ser festejada com o título de Nossa Senhora da Glória, da Vitória, e até mesmo, da Assunção.

No sentido africano, o ser humano é a própria natureza sem cortes. Respeita o tempo como um verdadeiro senhor. Contempla animais, entende e respeita a multiplicação das espécies, além de ter na oralidade uma grande fonte de conhecimento e ensinamentos – fato este que contrasta ainda mais a relação com a cultura ocidental, tendo em vista que a educação formal via alfabetização, acabou com a transmissão oral de boa parte da mitologia e conhecimentos nacionais. É com base neste respeito à oralidade, e via cultura Yorubá, uma das mais presentes em terras nacionais e, quiçá, de maior contribuição à cosmologia das religiões afro-brasileiras, que se apresenta uma justificativa africana (Yorubá) para a comemoração do episódio da morte. O teólogo Volney Berkenbrock (2002, p. 207), pesquisador da religiosidade afro-brasileira, afirma:

(...) Os porquês no mundo afro-brasileiro não são respondidos por uma reflexão filosófica. Na tradição africana, existem histórias que contam o porquê, isto é, o início e a razão das coisas. Na linguagem do candomblé, as histórias que contam o início das coisas são chamados de Itans. Há, na verdade, uma imensa mitologia africana que permaneceu no Brasil e muito contribuiu para a memória religiosa.

Se, para grande parte dos ocidentais, os assuntos relacionados à morte são temidos, na visão Yorubá, a morte é configurada como episódio de (re)ligação entre dois mundos: o Aiyê e o Orum². O Aiyê é o mundo humano, materializado, sentido, concreto e tocável, onde a natureza, os seres são produzidos e fiscalizados. Já o Orum está reservado para o intocável, ilimitado, transcendente, espaço dos Orixás e eguns. Estes dois níveis se complementam, e juntos produzem a harmonia necessária ao ato de existir. Berkenbrock afirma (2002, p. 206):

Na relação entre os dois níveis, o Orum tem a primazia sobre o Aiyê. O Orum tem a condução, é ele que deve ser obedecido. Por isso a busca pelo equilíbrio é tarefa constante do Aiyê. O equilíbrio é entendido tanto de forma individual como coletiva. A atividade religiosa no Candomblé, por exemplo, tem sempre um objetivo último a busca ou a manutenção do contato, do equilíbrio, da harmonia entre os dois níveis da existência.

² Para este assunto, ver também “Os nagô e a morte” - livro resultante da tese de Doutorado em Etnologia, Sorbonne, 1972, da Prof. Dra. Juana Elbein dos Santos.

Desta forma, o Candomblé aparece como elemento de (re)ligação entre as duas formas de (co)existir. Intermediário, necessário e justo pacificador dos estados de ânimo humano. Nesta direção, a mitologia africana encontra no mito criacional de Obatalá (PRANDI, 2001), a explicação para o festejo do episódio morte como elemento de reencontro do homem com o orixá, do Aiyê com o Orum. Eis o mito:

No início não havia a proibição de se transitar entre o Céu e a Terra. A separação dos dois mundos foi fruto de uma transgressão, do rompimento de um trato entre os homens e Obatalá. Qualquer um podia passar livremente do Orum para o Aiyê. Qualquer um podia ir sem constrangimento do Aiyê para o Orum. Certa feita um casal sem filhos procurou Obatalá, implorando que desse a eles o filho tão desejado. Obatalá disse que não, pois os humanos que no momento fabricava ainda não estavam prontos. Mas o casal insistiu, até que Obatalá se deu por vencido. Sim, daria a criança aos pais, mas impunha uma condição: o menino deveria viver sempre no Aiyê e jamais cruzar a fronteira do Orum. Sempre viveria na Terra, nunca poderia entrar no Céu. O casal concordou e foi-se embora. Como prometido, um belo dia nasceu a criança. Crescia forte e sadio o menino, mas ia ficando mais e mais curioso. Os pais viviam com medo de que o filho um dia tivesse curiosidade de visitar o Orum. Por isso escondiam dele a existência do Céu, morando num lugar bem distante de seus limites. Acontece que o pai tinha uma plantação que avançava para dentro do Orum. Sempre que ia trabalhar em sua roça, o pai saía dizendo que ia para outro lugar, temeroso de que o menino o acompanhasse. Mas o menino andava muito desconfiado. Fez um furo no saco de sementes que o pai levava para a roça e, seguindo a trilha das sementes que caíam no caminho, conseguiu finalmente chegar ao Céu. Ao entrar no Orum, foi imediatamente preso pelos soldados de Obatalá. Estava fascinado: tudo ali era diferente e miraculoso. Queria saber tudo, tudo perguntava. Os soldados o arrastavam para levá-lo a Obatalá e ele não entendia a razão de sua prisão. Esperneava, gritava, xingava os soldados. Brigou com os soldados, fez muito barulho, armou um escarcéu. Com o rebuliço, Obatalá veio saber o que estava acontecendo. Reconheceu o menino que dera para o casal de velhos e ficou furioso com a quebra do tabu. O menino tinha entrado no Orum! Que atrevimento! Em sua fúria, Obatalá bateu no chão com seu báculo, ordenando a todos que acabassem com aquela confusão. Fez isso com tanta raiva que seu opaxorô atravessou os nove espaços do Orum. Quando Obatalá retirou de volta o báculo, tinha ficado uma rachadura no universo. Dessa rachadura surgiu o firmamento, separando o Aiyê do Orum para sempre. Desde então, os orixás ficaram residindo no Orum e os seres humanos no Aiyê. Somente após a morte poderiam os homens ingressar no Orum.

Enfim, a morte aparece como o grande elemento de (re)ligação entre estes dois mundos. Etapa necessária para chegada ao Orum – território consagrado aos Deuses e Orixás – à eternidade, paz, justiça e clarividência. No cronograma da Festa (quadro 1), os três ritos fundamentais estão organizados nos três primeiros dias, respeitando e seguindo a tradição deixada pelas irmãs que fundaram a Irmandade.

Quadro 01: Cronograma e ritos da festa da boa morte

Cronograma	Rito	Significado	Atividade(s)	Música	Ceia
Primeiro dia	Primeiro	Morte de Nossa Senhora	Missa, Procissão e Ceia	Religiosa	Ceia Branca
Segundo dia	Segundo	Enterro	Missa e Procissão	Religiosa	-----
Terceiro dia	Terceiro	Assunção e Glória	Missa, Procissão, Ceia e Samba-de-Roda	Religiosa, Valsa e Samba-de-Roda	Feijoada
Quarto dia	Não há	Festa	Samba-de-Roda e ceia	Samba-de-Roda	Cozido
Quinto dia	Não há	Festa	Samba-de-Roda e Ceia	Samba-de-Roda	Caruru e Mungunzá

Fonte: Irmandade da Boa Morte

A história oral - resultante da ligação memória e identidade social -, é relevante no que se remete a este estudo acerca da Irmandade da Boa Morte. Ao passo em que é escassa a documentação sobre a Confraria, as irmãs, principalmente as mais antigas, se constituem como fontes solícitas e generosas. Seus depoimentos, lembranças e esquecimentos, suas histórias de vida relacionadas à Boa Morte se delineararam e configuraram como documentação ímpar.

Individual ou coletiva, a memória é elemento inseparável do sentimento de pertença e identidade. Como fenômeno construído, é resultado de um processo de organização mental inclusivo e exclusivo. Neste sentido, a memória como agente documental alinha-se em instâncias igualitárias às outras formas de registro. O que não seria construído, então? A restrição que se faz, neste estudo, é que a memória não é aspecto suficiente para criar essencialismos, falsas autenticidades e militâncias quase sempre limitantes.

No sentido de que a fonte oral pode ser comparada à fonte escrita, o sociólogo austríaco Michel Pollak (1992, p. 08) inscreve que “se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é [...]. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária”. Sendo assim, as lembranças das negras senhoras da Boa Morte se apresentam como documento hábil na (re)construção e preenchimento de parte das lacunas historiográficas existentes.

A Irmandade da Boa Morte não possui vínculo oficial com a Igreja Católica, assim como as demais irmandades religiosas. Sendo assim, há de se observar que a inexistência do acompanhamento dos estatutos da Boa Morte pelos sacerdotes não pode ser comparado ao que acontece com outras confrarias – que necessitam, inclusive, de autorização de funcionamento fornecida pela Igreja. Dir-se-ia que a Irmandade da Boa Morte, sediada em Cachoeira, Bahia, pode

ser concebida como uma sociedade autônoma de Devoção. Atualmente, a Irmandade da Boa Morte é composta por 22 senhoras negras que circulam livremente e, com muita naturalidade, no mundo religioso católico e no mundo religioso do Candomblé. O envolvimento das irmãs com a religiosidade afro-brasileira pode ser facilmente compreendido por quem adentra a sede da Irmandade da Boa Morte e encontra em uma das paredes um quadro com a seguinte (auto) definição: “Organização privativa de mulheres com vínculos étnicos, religiosos e sociais, também unidas por parentescos consangüíneos ou de fé, deixando fluir a maneira afro-brasileira de crer”.



Figura 02: D. Filinha, Anália e Adeildes
Fotografia: Autor (2005)

Desde a fundação da Irmandade, para ser uma irmã da Boa Morte, deve-se seguir alguns preceitos e pré-requisitos. Assim como no candomblé, a senhoridade é um deles. A candidata à irmã para ser admitida deve ter acima de 40/50 anos, pois, além da experiência já adquirida, já não goza de tantos desejos carnavais que possam ‘manchar’ a sua integridade e bom relacionamento com Nossa Senhora. Raul Lody (1981, p. 10) já afirmava que “... já velhas, viúvas ou sem nenhum outro interesse material, diria sexual, podem consagrar com maior força sua devoção de irmãs, como um verdadeiro voto casto de religiosidade”.

Comerciantes, aposentadas da indústria fumageira, mães-de-santo, prestadoras de serviços, enfim, as irmãs não têm sua sobrevivência somente garantida pela fé e devoção à Nossa Senhora da Boa Morte. Com muita desenvoltura, freqüentam rituais correspondentes às duas religiões. A devoção à Nossa Senhora da Boa Morte e sua Assunção aos Céus convive com a participação no culto aos Orixás. Segundo observação feita em campo, parece haver um reiterado respeito com relação às duas filiações religiosas. Sem mostrar grande concernimento no que se refere a dogmas ou preceitos e preconceitos, a Irmandade construiu sua história devidamente amparada na dupla pertença. O antropólogo Vilson Caetano afirma:

Ou os africanos anteciparam o que é explicado por alguns autores como uma característica do chamado mundo moderno, que invade aos poucos as religiões, ou os modelos religiosos tornaram-se inautênticos. Verdade é que a dupla pertença surge sempre para desmascarar e ameaçar os modelos religiosos universais e totalizantes (2001, p. 86).

Esta religiosidade híbrida é, aliás, um dos requisitos para a aceitação na Irmandade da Boa Morte. Algumas irmãs são yalorixás, como é o caso de Anália da Paz Santos Leite, responsável pelo terreiro *Ilê Oyó Ibessê Alaketu*, localizado no município baiano de Governador Mangabeira. Na entrevista realizada em 03 de dezembro de 2002, a irmã Anália afirmou quando questionada sobre ser uma yalorixá: “Graças a Deus! Eu sou uma grande pessoa, que recebi um posto de Yalorixá. E me sinto feliz. Porque meus búzios que eu jogo - não tem quem não falhe, mas até agora ainda não falhou”. Em seu discurso, se pode perceber a auto-estima, respeito e orgulho por sua condição de iniciada no Candomblé. D. Filinha, com 103 anos de idade e aproximadamente 62 de aceitação e atividade junto à Irmandade, com muita simplicidade, esclarece o seu duplo pertencimento religioso: “... são duas obrigações separadas. Em agosto, trabalho para Nossa Senhora e três vezes no ano, em 25 de outubro, no mês de janeiro e no 2 de julho, faço as festas do meu candomblé”. Os aspectos tradicionais na Irmandade da Boa Morte, normalmente relacionados com a vivência do negro na Bahia, sensibilizam não somente pelo aspecto iconográfico, visual, mas pelo que de origem do patrimônio histórico-cultural e simbólico ele consegue representar.

As dinâmicas de hibridismos, negociações e “diálogos” sócio-culturais são relevantes na constituição do *ethos* tradicional baiano. As dificuldades e adversidades impostas ao negro, no período escravagista e na condição posterior de desigualdade, são vistas hoje como patamar de dignidade. Homi Bhabha (2003, p. 21), operando com sentidos hierárquicos de poder, observa:

O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contradição que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”.

Atualmente, no amplo e tradicional calendário baiano de festas e ritos religiosos-profanos, o envolvimento étnico é considerável. Se a “minoría” de outrora criou, a população atual deve manter como hábito identitário que (re)significa e colabora na construção da almejada nação. A Bahia, nestas últimas décadas, através de seus governantes, ressignificou algumas dinâmicas de seu patrimônio cultural. Dentre elas, a tradicional festa da Irmandade da Boa Morte.

4. INTERVENÇÃO

Por intervenção, compreende-se aqui o ato de interferência, apoio ou colaboração, no sentido de intervir positivamente nos processos vitais da Irmandade da Boa Morte, sua existência e sobrevivência até os dias atuais.

A intervenção direta é a interferência, ato ou apoio direcionado exclusivamente à Irmandade da Boa Morte - com ou sem o auxílio e solicitação da mesma; já a indireta é aquela ação sistematizada de forma ampla, não exclusiva à Irmandade, que ainda assim lhe tenha oportunizado benefícios e vantagens. A intervenção governamental é aqui compreendida a partir do âmbito institucional: federal, estadual e municipal. As ações governamentais intervencionistas, diretas ou indiretamente relacionadas à Irmandade da Boa Morte, estão aqui catalogadas a partir de 1971, com o Plano de Turismo do Recôncavo – PTR, incluindo as últimas ações efetivadas até meados de 2005.

A Irmandade da Boa Morte adentrou a década de 1970 com um quadro reduzido de irmãs, segundo historiadores como Nascimento (1998) e relatos de membros da própria Irmandade³. Outros problemas, à época, também preocupavam as irmãs, como a carência de uma sede própria, o que obrigava as irmãs a alugarem um imóvel no período da festa, bem como a falta de recursos para a realização dos festejos. D. Filinha, em entrevista no dia 27 de abril de 2005, chegou a afirmar:

(...) Alugava uma casa por quinze dias pra fazer a festa. Quando terminava aquela festa, as irmãs ajuntavam, limpavam a casa toda pra entregar e ia levar o dinheiro que alugava a casa. Agora, depois que já tem a casa da Boa Morte, não precisa mais alugar [...] No outro tempo tinha muita gente, mas hoje em dia cresceu mais o pessoal que vem pra festa e diminuiu o das irmã. Quando eu cheguei na Irmandade da Boa Morte tinha 120 mulhé, mas tudo já foi... Foi morrendo, morrendo, e agora só tem 21.

A abundante participação de irmãs de outrora pode ser percebida no animado relato de Odorico Tavares sobre a presença das “pretas baianas” de Cachoeira no aniversário da cidade de Salvador:

³ Segundo algumas irmãs, a Boa Morte já chegou a ter 200 irmãs – fato não comprovado por documentos. Odorico Tavares ao ver o desfile da Irmandade em 1949, utiliza, com entusiasmo, as expressões “grupo soberbo” e “maior conjunto”, sem quantificar.

Quem assistiu ao belo desfile com que a capital baiana comemorou o seu quarto centenário, em março de 1949, não pôde deixar de empolgar-se com o quadro magnífico do seu fecho de mais alta dramaticidade: um grupo soberbo de pretas baianas, de idade avançada, caminhando serena e nobremente, como se fossem autênticas rainhas. Foi um grande momento, talvez o maior do belo cortejo, vê-las nas suas vestimentas características, seus torsos, suas saias rendadas, suas jóias, seus grandes cordões e brincos de ouro, desfilando pelas ruas engalanadas da cidade. Esta nobreza e dignidade que se encontram nas velhas pretas baianas, ali estavam no maior conjunto que já se pôde conseguir, em nossos tempos. E de toda parte explodiam entusiásticos aplausos: aplausos de cerca de oitenta mil pessoas que acorreram às ruas da capital. (TAVARES, 1964, p. 221, grifos nossos).

A partir desse fragmento de texto, pode-se verificar também que a relação das irmãs com o poder oficial, governamental, não se restringe à atualidade. Entretanto, o convite do governador Otávio Mangabeira, em 1949, segundo relatos das irmãs mais antigas, não ofereceu desdobramentos favoráveis à Irmandade. Entusiasmo, aplausos, capítulo de livro, nada disto afastou a Boa Morte de suas dificuldades em Cachoeira. Atualmente, no episódio Irmandade da Boa Morte, se por um lado a intervenção governamental, no âmbito Federal, procurou preservar/conservar o patrimônio cultural, objetivou-se no âmbito estadual, por outro lado, conciliar esta preservação com a atividade turística, fomentando parcerias do setor governamental com o privado.

No âmbito federal, a intervenção governamental foi detectada através de dois momentos: Conversão de Cachoeira em Cidade Monumento Nacional - Decreto Federal nº 68.045, de 13 de janeiro de 1971 -, tombando e inscrevendo a cidade e os “lugares históricos adjacentes” nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁴.

A segunda forma de intervenção federal foi o prêmio Minc, concedido no dia 04 de novembro de 1999, através da 5ª edição do Prêmio Ministério da Cultura, o Ministro Francisco Weffort outorgou à Irmandade da Boa Morte o prêmio de vinte e cinco mil reais, na categoria de Cultura Popular. Intervenção direta que proporcionou, também, mídia e publicização da Irmandade. A solenidade ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. No âmbito Estadual, as ações intervencionistas (direta e indireta) objetivando a revitalização da Irmandade da Boa Morte e sua festa começaram a partir da denominada primeira fase do turismo baiano: O Plano de Turismo do Recôncavo/1971. Não restrita a esta fase, a interferência do governo baiano junto a esta Confraria, via Secretaria de Cultura e Turismo e Bahiatura ocorreu também nas fases e décadas seguintes.

⁴ Fonte: IPHAN. Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Inscrição: 049; Nº Processo: 0843-T-71.

Neste sentido, os gestores do turismo começaram a definir as emblematizações a que o Estado da Bahia teria de submeter, mediante a segmentação imposta pelo competitivo mercado turístico. Era necessária a articulação de símbolos para a construção de uma idéia “sedutora” do produto BAHIA. Neste caso, o viés da etnicidade parece ter suplantado os demais. A construção de uma Bahia e de um Recôncavo acima de tudo negros, onde se pratica cotidianamente o samba-de-roda, onde se cultiva a malícia da capoeira, onde se encarna o exótico, o misticismo e o sincretismo religioso, “do passado que não passa”. Do Recôncavo, destaque para Cachoeira e suas manifestações e dinâmicas sócio-culturais. A Irmandade da Boa Morte, através de sua já catalogada festa, começava a despertar nos administradores o conhecimento e a sensibilização necessários para futuras intervenções.

A interferência da Bahiatura na Irmandade da Boa Morte pode ser caracterizada de duas formas: apoio publicitário e financeiro. No sentido de angariar apoio publicitário, articulou a publicação de artigos e ensaios fotográficos sobre a Irmandade em revistas nacionais e transnacionais, produzindo folders, cartazes, vídeos, CDs e murais que divulgavam a festa da Boa Morte nos principais mercados emissores. Em 1995, o Governo do Estado da Bahia atendeu ao pedido feito na célebre “carta aberta aos poderosos” de Jorge Amado, intitulada *Tomo da cuia de esmoler*. Publicada na Folha de São Paulo, no dia 27 de janeiro do mesmo ano, a carta solicitava aos poderosos do país a reforma dos casarões da Irmandade da Boa Morte até o dia 14 de agosto, quando se realizaria a festa daquele ano.

Através da segmentação de mercado, a Bahiatura vem inserindo a Festa da Boa Morte dentro das ações direcionadas para o turismo étnico, principalmente de origem afro-americana. Recentemente, através da “Missão Avocet”, vem negociando um contrato de risco como grupo americano de comunicação e entretenimento étnico-cultural Avocet. Sobre esta iniciativa, a Sra. Sônia Bastos afirmou que, em entrevista concedida no dia 05 de fevereiro de 2005, “o objetivo é fortalecer e dinamizar esse mercado, utilizando-se de documentários e filmes da Festa da Boa Morte, gerando mídia espontânea, cujo conteúdo complementar o esforço promocional”.

Evidenciada, também, a partir da década de 1970, a intervenção de outros diversos agentes foi relevante na reestruturação da Irmandade da Boa Morte e sua festa. De forma direta, visavam ao apoio, divulgação e auxílio à Confraria, mediante a revitalização de sua festa. De um lado, a comunidade, formada por pessoas simples de Cachoeira, Salvador e demais localidades, que à época residiam ou tinham proximidade com o Recôncavo e a Irmandade.

Do outro, artistas e personalidades destacadas que, ao conhecerem a Boa Morte e suas necessidades, tornaram-se solidários e responsáveis por algumas interferências positivas registradas na Dissertação. Em 2007, os festejos da Irmandade da Boa Morte contaram com a presença da Ministra do Turismo, Marta Suplicy, do Governador do Estado da Bahia, Jacques Wagner e outras inúmeras autoridades. O evento serviu como “pano-de-fundo” para a assinatura de convênios de promoção turística no Estado em parceria com o Governo Federal.

Em seu processo histórico, a Irmandade da Boa Morte obteve apoio de artistas e personalidades, com destaque para Jorge Amado, Adenor Gondim, Emanuel Araújo, Antônio Carlos Magalhães, Carlinhos Brown, entre outros (CASTRO, 2006).

5. TURISTIFICAÇÃO

Da infinidade de conceitos que integram o campo epistemológico referente ao turismo, neste trabalho se utilizou a definição de Marutschka Moesch:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais (2002, p. 09).

A sociabilidade promovida pela experiência do turismo, a negociação do espaço a ser consumido através de relações interculturais, seus elementos quantitativos e qualitativos é que determinam à atividade este caráter de fenômeno e “combinação complexa”.

Para turistização, turistificação ou turismificação, entende-se, no campo conceitual, “o modo pelo qual as potencialidades se circunscrevem a um processo de planejamento que objetiva convertê-las, material ou simbolicamente, em recursos e produtos predominantemente destinados ao consumo turístico (BENEVIDES, 2002)”.

Os esforços governamentais, no caso da turistização da festa da Irmandade da Boa Morte, configuram a concepção de intervenção aportada pelos governantes: a refuncionalização do Recôncavo baiano, pela via do turismo como fator de desenvolvimento local, e tendo como fatores motivacionais de deslocamento a história e as manifestações sócio-culturais. Cabe então, mais uma vez, fazer alusão a Canclini:

(...) os modernizadores precisam persuadir seus destinatários de que – ao mesmo tempo que renovam a sociedade – prolongam tradições compartilhadas. Posto que pretendem abarcar todos os setores, os projetos modernos se apropriam dos bens históricos e das tradições populares (2003, p.159).

Da década de 1970 aos dias atuais, o planejamento e o gerenciamento da atividade turística no Estado da Bahia tem se aproveitado destas “territorialidades” tradicionais como formas de revitalização econômica de algumas comunidades e eventos, mediante exposição midiática, visando o consumo do espaço pela atividade turística. Para tanto, a emblematização e publicização passam a ser etapas constantes.

As obras de artistas e intelectuais como Jorge Amado, Pierre Verger, Carybé, Hansen Bahia, Dorival Caymmi – que retrataram parte dos aspectos simbólicos desta Bahia afro-descendente, mestiça – foram fundamentais neste novo processo de narrativa étnica-publicitária-estratégica do Estado. Assim como os romances e personagens de Jorge Amado “passeiam pelo mundo” convidando novos turistas, a música e a imagem do percussionista do Olodum – quase sempre afro-descendente –, as fotografias e história da Irmandade da Boa Morte ultrapassam as fronteiras nacionais, realçando e reforçando a imagem de uma Bahia negra, com amplo patrimônio histórico-cultural-étnico a ser contemplado e experimentado. É a “modernidade ambivalente” que pode utilizar elementos tão díspares e distantes como o tradicionalismo e o novo, em seu amplo repertório de captação de divisas.

O esforço estatal de “reconstrução conjuntural” corroborou para incutir e fortalecer o mito baiano e a marca Bahia – propícia à indústria do turismo – ao resto do país e mundo. A turistização fomentada pelos governos estaduais baianos a partir da década de 1970 tem como relevante argumento a participação dos afrodescendentes.

Em março de 2004, representantes do *Cluster de Cultura, Turismo e Entretenimento* do Estado da Bahia desembarcaram em Nova York, com a missão de “firmar parcerias” e “estreitar contatos” que contribuam para que Salvador se torne um importante destino do turismo afro-americano. Nesta ocasião, foi assinado um acordo que estabelece a criação de um vôo charter semanal – aproximadamente 300 turistas afro-americanos. Segundo a Avocet⁵ – empresa norte-americana de turismo e entretenimento étnico-cultural – “...durante o primeiro ano de operação,

⁵ Empresa do grupo norte-americano COS Media, Inc., responsável pela revista dirigida ao público afro americano “Essence” – publicação que aborda o estilo de vida das mulheres afro-americanas e possui mais de 7,5 milhões de leitores .

com vôos partindo de Nova York, a receita local prevista para a Bahia será de US\$8,3 milhões”⁶. Sobre a “Missão Avocet”, a Revista *Época*, em sua edição de 08 de março de 2004, informou:

Vai ser veiculada nos Estados Unidos uma campanha agressiva vendendo a Bahia. A iniciativa é da Avocet, empresa americana de turismo e entretenimento. Pelos cálculos da companhia, 60% dos americanos que visitam o Estado brasileiro são negros. Esse mercado, que movimenta US\$ 572 milhões, representa 17% de todas as viagens de férias dos EUA. Um dos destinos prediletos dos afro-americanos é a Festa da Boa Morte, que acontece em agosto, em Cachoeira, Recôncavo Baiano.

A estratégia estadual de segmentação turística direcionada aos afro-americanos, via turismo étnico, apresenta argumentos convincentes, uma vez que estes representam 13% da população dos Estados Unidos com poder de compra estimado em US\$ 740 bilhões – valor que supera o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil⁷.

A participação de afro-americanos na Festa da Irmandade da Boa Morte, iniciada a partir da referida conexão entre Antônio Moraes e Jimmy Lee, foi também registrada na edição do jornal *A Tarde*, em 22 de agosto de 1994. Intitulada “Afro-americanos procuram suas origens na Festa da Boa Morte”, a reportagem coletou a opinião de duas professoras afro-americanas presentes na festa daquele ano. Cathy Royal, pesquisadora da Universidade de Maryland (EUA) e especialista em cultura africana nas Américas, tendo já participado da Festa da Boa Morte diversas vezes, afirma:

A nossa tradição religiosa foi totalmente suprimida nos Estados Unidos e, depois que os afro-americanos conheceram a Festa da Boa Morte, passaram a ver de maneira diferente a própria cultura americana.

A professora Natalie Aloha Swift, de Nova York, que esteve na Festa da Irmandade em 1994 com um grupo de educadores americanos liderados por Earl Davis, revela:

Depois de ter visitado a Bahia, não preciso conhecer mais nada. Este lugar (Cachoeira) é muito espiritual, existe uma mágica aqui, as pessoas são muito calorosas. Em todos os lugares, a vida deveria ser assim: trabalhar e festejar o mistério da vida.

⁶ Fonte: www.businessguide.com.br, acesso em 23/01/2005.

⁷ Fonte: Jornal A TARDE, em 08/05/2005.

Objetivando oferecer entretenimento aos turistas presentes à Festa da Boa Morte, a Prefeitura Municipal de Cachoeira, através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, vem oferecendo uma extensa lista de apresentações de artistas locais, como grupos de samba-de-roda, poetas, grupos de capoeira e bandas de *reggae* da região. Atua, desta forma, na contratação de serviços necessários ao evento, como palco, técnicos e artistas locais e suas atividades culturais sempre se desenvolvem em horários nem sempre alternados com os ritos da Irmandade⁸. A turistização da Festa da Boa Morte vem proporcionando mudanças na estrutura da Festa. No que diz respeito aos aspectos profanos, apontam as principais críticas e observações que alertam para o caráter de festa de largo que o evento vem ganhando com a instalação de palcos, bares, barracas de capeta, ruas repletas de artesanato, arrastões musicais, entre outros.

Em 18 de agosto de 2003, a jornalista Andréia Santana, do jornal *Correio da Bahia*, constatou: “...somente no domingo, 46 ônibus de turismo chegaram a Cachoeira”. Ora, não estariam estes procurando a Irmandade, justamente em virtude de seus festejos haverem sido transformados num produto da indústria cultural a partir da espetacularização de sua Festa (DEBORD, 1997)? A alta frequência turística na Festa da Irmandade da Boa Morte encontra problemas estruturais na pequena cidade de Cachoeira e região. No período da festa, as pousadas e hotéis ficam lotadas. A contínua e crescente demanda turística apresenta à população uma oportunidade de negócios: hospedar. De acordo com a Quadro 02, considerando-se uma média de 10 mil turistas no período da Festa⁹, pode-se observar que a quantidade de leitos é insuficiente.

Quadro 02 – Levantamento do trade

Pousadas	Endereço	Fundação	Quartos	Leitos
Pousada Conv. do Carmo	Rua Inocêncio Boaventura, s/nº - Cachoeira/Ba	1989	26	63
Pousada D´Ajuda	Largo D´Ajuda - Cachoeira/Ba	2005	7	21
Pousada do Guerreiro	Rua 13 de Maio, 14 - Cachoeira/Ba	1989	15	36
Pensão Tia Rosa	Rua Ana Néri, 12 - Cachoeira/Ba	1985	6	16
Pousada Labarca	Rua Inocêncio Boaventura, 37 – Cachoeira/Ba	2004	6	13
Hotel Fazenda Villa Rial	Ladeira do Padre Inácio, s/nº - Cachoeira/Ba	2000	41	110
Pousada Paraguassú	Av. Salvador Pinto, 01 - São Félix/Ba	1981	18	45
Pousada Rio Doce	Praça Inácio Tosta - São Félix/Ba	2002	15	48
TOTAL			134	352

Fonte: Pesquisa de Campo.

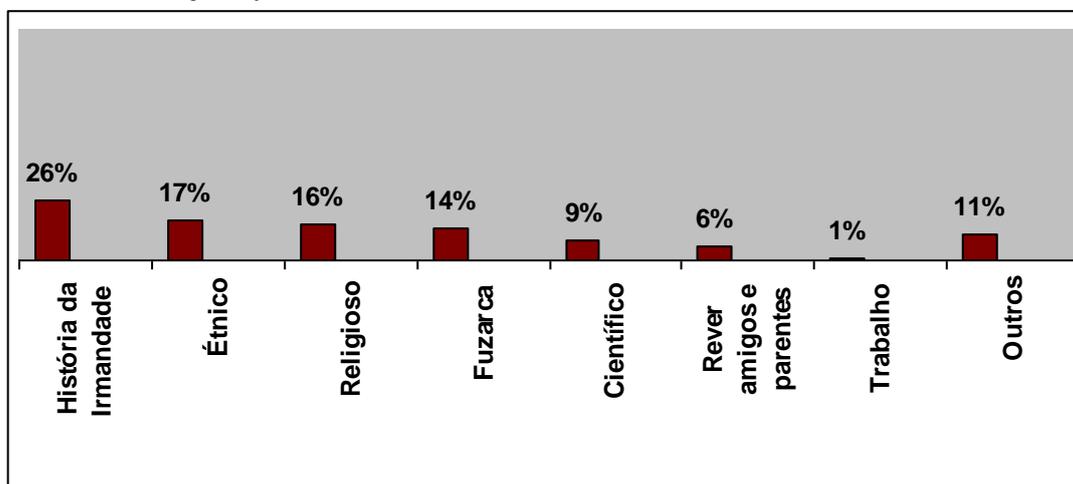
⁸ A alternância e respeito à programação religiosa da Irmandade da Boa Morte só pôde ser percebida no ano de 2005.

⁹ Fonte: Informações extra-oficiais fornecidas pela Irmandade da Boa Morte e confirmadas pela Polícia Militar do Estado da Bahia - 2005.

Observando os resultados dos questionários aplicados – segmento turista – na pesquisa de campo realizada em Cachoeira, Bahia, durante a Festa da Irmandade da Boa Morte, em 2004, chegou-se a sistematizar uma tipologia destes visitantes a partir dos fatores motivacionais de deslocamento destes.

Sendo assim, baseado na análise dos dados coletados, os tipos de turistas que mais freqüentaram a Festa da Irmandade da Boa Morte, ano 2004, foram aqueles relacionados ao Turismo Cultural – ver Tabela 1 -, onde puderam ser micro-segmentados em: Turismo Histórico: motivados pela apreciação do patrimônio histórico-cultural, das dinâmicas historiográficas que apresentam aspectos remanescentes ou locais que abrigam momentos e passagens históricas, residências de personalidades nacionais, entre outros; Turismo Étnico: motivados por questões étnico-culturais, onde se afloram as relações de pertencimento e identidade cultural; Turismo Religioso: deslocamento motivado pelos aspectos religiosos; Turismo de Diversão: motivados pela festa, fuzarca, azaração, entretenimento e folia; Turismo Científico: aqueles que têm o estudo como fator motivacional de deslocamento.

Tabela 1: Mmicro-segmentação do turismo cultural



Fonte: CASTRO, 2006.

Neste sentido, a tipologia de turistas não somente auxiliará na compreensão do fenômeno estudado; poder-se-á constituir como elemento de informação para futuras políticas e para o planejamento no âmbito do turismo na Festa da Irmandade da Boa Morte. A esta altura, conhecer os turistas é conhecer os rumos que a própria Festa vem assumindo, perante as exigências da indústria turística.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De vigor internacionalmente reconhecido, a Festa da Boa Morte corrobora com a inscrição de um produto ainda maior – o produto Bahia –, na indústria turística global. Entretanto, pôde-se perceber que tanto a Irmandade da Boa Morte como sua dinâmica aqui investigada carece de “acompanhamento” profissional que, antes de publicizá-la, pudesse compreendê-la, a fim de melhor situá-la perante suas necessidades e sua relevância sócio-histórico-cultural. As necessidades da Irmandade secular de mulheres negras de Cachoeira vão além de recursos financeiros.

As transformações ocorridas com a Festa da Boa Morte, nas últimas décadas, testemunham e documentam o despreparo dos gestores governamentais ligados ao turismo no município de Cachoeira. O viés clientelista da escolha dos antigos secretários municipais cachoeiranos de cultura e turismo, a ausência de parcerias, políticas e planejamento integrado com órgãos federais e estaduais ligados ao turismo – Bahiatursa, SCT, Embratur, outros – são fatores que levaram à simples carnavalização de seus festejos.

O conhecimento é precípuo ao planejamento, mas o planejamento sério, que integra esforços, reconhece a dinamicidade cultural, fomenta e fiscaliza a atividade turística, agindo com responsabilidade e criatividade. A Festa da Boa Morte, que há alguns anos estava relegada ao abandono, esquecimento e falta de apoio, assistiu ao desfile de seus ritos constitutivos, nas últimas décadas, em carrosséis desarrumados e barulhentos da cultura popular e tradicional oferecidos aos turistas como atrações pitorescas de fácil acesso.

Constatou-se, também, que, no âmbito da infra-estrutura, a hospedagem constitui um grave problema. A insuficiência não se restringe à quantidade de leitos, mas se estende aos serviços disponibilizados, de forma amadorística, aos turistas na Festa da Boa Morte. Para os que conseguem ou não conseguem viabilizar hospedagem, sobram queixas e descontentamento – fato que faz crescer, consideravelmente, a presença de excursionistas.

Verificou-se, ainda, que outros segmentos fundamentais à atividade turística, como estradas, transporte, comunicações e segurança, são oferecidos satisfatoriamente pelo município de Cachoeira. O acesso, por exemplo, pode ser feito através de duas estradas com excelente qualidade em termos de pavimentação e sinalização.

No quesito segurança, a Festa da Boa Morte não apresenta problemas, apesar dos inúmeros arrastões musicais e alto consumo de álcool. O inconveniente do acúmulo de pessoas parece estar apenas na procissão das irmãs quando fotógrafos, turistas e a população se misturam, dificultando o fluxo das senhoras pelas ruas calçadas de paralelepípedos.

Pôde-se constatar que a higiene também vem se constituindo como um problema na Festa da Boa Morte. Parte relevante dos estabelecimentos comerciais do segmento bar/restaurante foi criticada pelos turistas entrevistados, assim como a limpeza deficiente das ruas. Outro descontentamento dos turistas se remete à sinalização turística do município.

Foi evidenciado, também, que, embora inexista uma política de sensibilização da comunidade com relação aos benefícios do turismo, a relação entre turistas e população local é agradável e favorável ao desenvolvimento turístico de Cachoeira.

Analisando os dados obtidos, pôde-se perceber que a Festa da Boa Morte apresenta peculiaridades e potencial ainda pouco explorados. A considerável e constante presença de turistas afro-americanos e franceses não se dá apenas nos dias de Festa, mas é nestes que elas se acentuam. Não é difícil compreender a relação dos afro-americanos com a Irmandade, pelo viés da identificação e pertencimento étnico-cultural. Quanto aos franceses, o que dizer? Isto nos leva a afirmar que alguns aspectos da própria relação entre a Irmandade e sua Festa com segmentos específicos de turistas ainda permanecem por estudar.

As políticas governamentais estaduais de publicização da Festa da Boa Morte no mercado norte-americano como forma de atrair o turista interessado em questões étnicas, via turismo cultural, têm se revelado contraditórias. Expôs a Irmandade, mas não inseriu a cidade histórica e heróica de Cachoeira, nem a Irmandade na lista dos roteiros para o Programa de Turismo Étnico que prevê vôos *charters* semanais diretamente de Nova York para Salvador; o primeiro grupo foi composto por 200 afro-americanos que desembarcaram em Salvador em junho de 2005. Os destinos anunciados foram Salvador, Lençóis, Porto Seguro e Complexo de Sauípe. Resta saber se, na nova administração estadual, Cachoeira será inserida, ou novos planos e programas serão implementados para ela, especificamente. A falta de planejamento integrado – municipal, estadual e federal – para as atividades turísticas relacionadas ao município, assim como à Festa da Boa Morte, até então, reflete a inexistência de conhecimento articulado sobre a mesma e sua potencialidade para produzir deslocamentos e experiências.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- BENEVIDES, Ireleno Porto. **Planejamento governamental, produtos e territorialidades turísticas no Ceará**. In: ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL., VI, 2002, Campo Grande. Anais. Campo Grande: 2002, p. 21.
- BERKENBROCK, Volney. **A Festa nas religiões Afro-brasileiras**. In: PASSOS, Mauro (org.). *A Festa na Vida – Significado e Imagens*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CAETANO, Vilson. **Roda o balaio na porta da igreja, minha filha, que o santo é de candomblé: os diferentes sentidos do sincretismo afro-católico na cidade de Salvador**. São Paulo, PUC,(Tese de Doutorado) Ciências Sociais, 2001.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASTRO, Armando. **Irmãs de fé: tradição e turismo no Recôncavo Baiano**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- _____. **O Patrimônio histórico-cultural e o turismo na cidade heróica de Cachoeira-BA: potencialidade x realidade**. Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, nº 11. Campo Grande: UCDB, 2005.
- _____. **A Festa e a música na Boa Morte (1990-2000)**. In: FERREIRA, Carlos Augusto, FERRAZ, Fernando (orgs.). *Coleção Textos de Graduação – História: experiências e imagens*. Salvador: Quarteto Editora/UCSAL, 2003.
- _____. **A Irmandade da Boa Morte; memória, intervenção e turistização da festa em Cachoeira, Bahia**. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz e Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2005.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo – comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, Reinaldo. **Turismo e Patrimônio Cultural – recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HOBSBAWM, Eric.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e terra, 1998.
- LODY, Raul. **Devoção e culto a Nossa Senhora da Boa Morte: pesquisa sócio-religiosa**. Rio de Janeiro: Altiva Gráfica e Editora Ltda, 1981.
- MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1992.
- QUEIROZ, Lúcia Maria Aquino de. **Turismo na Bahia: estratégias para o desenvolvimento**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2002.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1997.

TAVARES, Odorico. **Bahia - imagens da terra e do povo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

TUAN, Ti-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido: Setembro de 2007

Aprovado: Novembro de 2007